

# Ensino e pesquisa em arquivologia: cenários prospectivos



**Renato Pinto Venâncio  
Welder Antônio Silva  
Adalson Nascimento  
(organizadores)**



**V Reunião Brasileira de Ensino e  
Pesquisa em Arquivologia**

**Ensino e pesquisa em arquivologia:  
cenários prospectivos**

Renato Pinto Venâncio  
Welder Antônio Silva  
Adalson Nascimento

(organizadores)

## **FÓRUM NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA**

Coordenadores

Biênio 2016-2017: Welder Antônio Silva (UFMG)

Biênio 2018-2019: Thiago Henrique Bragato Barros (UFPA)

## **V REUNIÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA**

Evento realizado na Escola de Ciência da Informação da UFMG em Belo Horizonte, Minas Gerais, de 07 a 10 de novembro de 2017

### **COMISSÃO ORGANIZADORA – UFMG**

Coordenador: Welder Antônio Silva

Subcoordenadora: Cintia Aparecida Chagas Arreguy

Alessandro Ferreira Costa

Ivana Denise Parrela

José Francisco Guelfi Campos

Marta Eloísa Melgaço Neves

### **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Presidente: Renato Pinto Venâncio (UFMG)

Vice-presidente: Adalson de Oliveira Nascimento (UFMG)

Ana Célia Rodrigues (UFF)

Daniel Flores (UFSM)

Eliezer Pires da Silva (UNIRIO)

Georgete Medleg Rodrigues (UnB)

Heloísa Liberalli Bellotto (USP)

José Maria Jardim (UNIRIO)

Lúcia Maria Velloso de Oliveira (FCRB)

Maria Celina Soares de Mello e Silva (MAST)

Renato Tarciso Barbosa de Sousa (UnB)

### **COMISSÃO AVALIADORA**

Diretor: Renato Pinto Venâncio (UFMG)

Adalson de Oliveira Nascimento (UFMG)

Ana Célia Rodrigues (UFF)

Andre Malverdes (UFES)

Anna Carla Almeida Mariz (UNIRIO)

Cintia Aparecida Chagas Arreguy (UFMG)

Clarissa Moreira dos Santos Schmidt (UFF)

Cynthia Roncaglio (UnB)

Daniel Flores (UFSM)

Eliane Braga de Oliveira (UnB)

Eliezer Pires da Silva (UNIRIO)

Georgete Medleg Rodrigues (UnB)

Glaucia Vieira Ramos Konrad (UFSM)

Heloísa Liberalli Bellotto (USP)  
Ivana Denise Parrela (UFMG)  
João Marcus Figueiredo Assis (UNIRIO)  
José Maria Jardim (UNIRIO)  
Julianne Teixeira e Silva (UFPB)  
Katia Isabelli de Bethania Barros e Melo (UnB)  
Lúcia Maria Velloso de Oliveira (FCRB)  
Luciana Quillet Heymann (CPDOC/FGV)  
Marcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano (UNESP)  
Maria Celina Soares de Mello e Silva (MAST)  
Maria Teresa Navarro de Britto Matos (UFBA)  
Moisés Rockembach (UFRGS)  
Natália Bolfarini Tognoli (UNESP)  
Renato Tarciso Barbosa de Sousa (UnB)  
Roberto Lopes dos Santos Junior (UFPA)  
Thiago Henrique Bragato Barros (UFPA)  
Ursula Blattmann (UFSC)  
Welder Antônio Silva (UFMG)

#### **COMISSÃO DE APOIO – TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO DA UFMG**

Amanda dos Santos da Paixão  
Cláudia Márcia  
Christiano B. Santos  
Edgar Gonzaga  
Élida Pieri  
Eliedir Marcelina  
Gilma Pereira  
Guilherme Diniz  
Gustavo Miranda Ferreira  
Nely Ferreira  
Luiz Henrique Loureiro  
Viviany Braga

#### **MONITORES – ALUNOS/AS DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFMG**

Gilmar Rodrigues Barreto  
Gisele Maria Arcanjo  
Graziele Cristina Rodrigues Silva  
Neide Araujo Oliveira Braga  
Suellen Alves de Melo  
Suzana Cristina de Oliveira da Cruz  
Yara Levy martins de Souza Sane

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida  
Vice-reitor: Alessandro Fernandes Moreira

ESCOLA DE CIÊNCIA INFORMAÇÃO  
Diretora: Terezinha de Fátima Carvalho de Souza  
Vice-diretora: Adriana Bogliolo Sirihal Duarte

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
Coordenadora: Maria Guiomar da Cunha Frota  
Subcoordenador: Fabrício José Nascimento da Silveira

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA  
Coordenadora: Cintia Aparecida Chagas Arreguy  
Subcoordenadora: Mariana Batista do Nascimento

CAPA, DIAGRAMAÇÃO, ARTE E FINALIZAÇÃO DO E-BOOK  
Edinaldo Medina Batista

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-65609-09-8



R444	Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (5. : 2017: Belo Horizonte, MG)  Ensino e pesquisa em arquivologia [recurso eletrônico] : cenários prospectivos / Renato Pinto Venâncio; Welder Antônio Silva; Adalson Nascimento (Organizadores). – Dados eletrônicos. – Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação, 2018. 728 p. : il. E-book.  Inclui referências. Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. ISBN: 978-85-65609-09-8  1. Arquivologia – Congressos. 2. Arquivologia – Ensino. 3. Arquivologia – Pesquisa. I. Venâncio, Renato Pinto. II. Silva, Welder Antônio. III. Nascimento, Adalson.  CDU: 651.5(063)
------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Ficha catalográfica: Biblioteca Profª Etelvina Lima, Escola de Ciência da Informação da UFMG.

#### DIREITO AUTORAL E DE REPRODUÇÃO

Direitos de autor © 2018 para artigos individuais dos autores. São permitidas cópias para fins privados e acadêmicos, desde que citada a fonte e autoria. A republicação deste material requer a permissão dos detentores dos direitos autorais. Os editores deste volume são responsáveis pela publicação e detentores dos direitos autorais.

Escola de Ciência da Informação da UFMG  
Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha  
Belo Horizonte – MG – 31.270-010  
[www.eci.ufmg.br](http://www.eci.ufmg.br)

## SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO..... p.10**

**MOÇÕES..... p.12**

### PLENÁRIAS

**1. A EXPERIÊNCIA DO MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE DOCUMENTOS E ARQUIVOS NA UNIRIO.....p.16**  
*Eliezer Pires da Silva, Mariana Lousada*

**2. CURSOS DE ARQUIVOLOGIA NO BRASIL: RUMO À UMA HARMONIZAÇÃO CURRICULAR POSSÍVEL.....p.29**  
*Welder Antônio Silva, Cintia Aparecida Chagas Arreguy, Leandro Ribeiro Negreiros*

**3. PROSPECÇÃO DOS ARQUIVOS: FUTURO DA ARQUIVOLOGIA.....p.44**  
*Daniel Flores, Graziella Cé*

### COMUNICAÇÕES

#### I - EXPERIÊNCIAS CURRICULARES

**4. RELATOS DE EXPERIÊNCIA EM DISCIPLINAS RELACIONADAS À FUNDAMENTOS, AVALIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO ARQUIVÍSTICAS.....p.63**  
*Evelin Melo Mintegui, Roberta Pinto Medeiros, Thiago Henrique Bragato Barros*

**5. REFORMA CURRICULAR DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFES: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....p.80**  
*Tânia Barbosa Salles Gava, Luciana Itida Ferrari, Margarete Farias de Moraes*

**6. DO ENSINO À PRÁTICA DA CLASSIFICAÇÃO NOS ARQUIVOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....p.100**  
*Fernanda da Costa Monteiro, Fernanda de Souza Antunes*

**7. A DESCRIÇÃO NOS CURSOS DE ARQUIVOLOGIA DO BRASIL: ASPECTOS TEÓRICOS, CONCEITUAIS E TERMINOLÓGICOS DE UMA FUNÇÃO ARQUIVÍSTICA.....p.114**

*Natália Bolfarini Tognoli, Laura Maria Rego Piva, Rafael Cacciolari Dalessandro*

## **II - GESTÃO DOCUMENTAL E ACESSO À INFORMAÇÃO**

**8. ROTEIRO DE APLICAÇÃO DA GESTÃO POR PROCESSOS NA GESTÃO DE DOCUMENTOS.....p.133**

*Fábio Barros Silva, Antônio Rodrigues Andrade*

**9. METODOLOGIA DA IDENTIFICAÇÃO APLICADA A CONSTRUÇÃO DE PLANO DE CLASSIFICAÇÃO PARA ARQUIVOS UNIVERSITÁRIOS.....p.152**

*Silvia Lhamas de Mello, Ana Célia Rodrigues*

**10. MANUAL DE IDENTIFICAÇÃO DE ATRIBUIÇÕES DE ÓRGÃO PRODUTOR: PARÂMETROS PARA IDENTIFICAÇÃO DAS ATRIBUIÇÕES DO ÓRGÃO PRODUTOR VISANDO A ELABORAÇÃO DE PLANO DE CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS.....p.171**

*Mariana Batista do Nascimento*

**11. GESTÃO DE DOCUMENTOS NO ÂMBITO DO PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL.....p.188**

*Eduardo Luiz dos Santos, Ana Celeste Indolfo*

**12. A GESTÃO DE DOCUMENTOS NA SOCIOEDUCAÇÃO: O CASO DO NOVO DEGASE.....p.208**

*Jean Maciel Xavier, Eliezer Pires da Silva, Mariana Lousada*

**13. A ORGANIZAÇÃO DOS DOCUMENTOS NO CONTEXTO DOS SERVIÇOS ASSISTENCIAIS E ADMINISTRATIVOS EXISTENTES EM ORGANISMOS PRODUTORES DE SERVIÇOS DE SAÚDE.....p.229**

*Gillian Leandro de Queiroga Lima, Louise Anunciação Fonseca de Oliveira do Amaral, Hernane Borges de Barros Pereira, Francisco José Aragão Pedroza Cunha*

**14. A APLICABILIDADE DA METODOLOGIA DA IDENTIFICAÇÃO ARQUIVÍSTICA AOS ARQUIVOS CIENTÍFICOS DO NÚCLEO DE PESQUISA GECEM/UFRJ...p.244**  
*Jacilene Alves Brejo, Junia G.C. Guimarães e Silva*

**15. OPACIDADE E TRANSPARÊNCIA INFORMACIONAL: A VIGILÂNCIA COMO FERRAMENTA DE CONTROLE E ACESSO A DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS.....p.258**  
*Thayron Rodrigues Rangel, Rodolpho Guimarães Pereira, Brenda Couto de Brito Rocco*

### **III - LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS**

**16. POR UM MODELO SOCIETAL NA GESTÃO DAS POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS.....p.276**  
*Gleice Carlos Nogueira Rodrigues, Paulo Roberto Elian dos Santos*

**17. PROPOSTA PARA A POLÍTICA E O SISTEMA DE ARQUIVOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE.....p.293**  
*Igor José Garcez, José Maria Jardim*

**18. OS ARQUIVOS NOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO: ESTUDO DE IDENTIFICAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS ARQUIVÍSTICAS PARA O ACESSO À INFORMAÇÃO.....p.314**  
*Ana Celia Rodrigues*

**19. O CONCEITO DE ARQUIVO E DOCUMENTO ARQUIVÍSTICO EM ESTUDOS DE LEGISLAÇÃO ARQUIVÍSTICA.....p.326**  
*Margareth da Silva*

### **IV - PATRIMÔNIO DOCUMENTAL E AÇÃO EDUCATIVA**

**20. O DOCUMENTO ARQUIVÍSTICO COMO PATRIMÔNIO EM CENTROS DE MEMÓRIA DO PODER JUDICIÁRIO FEDERAL BRASILEIRO.....p.346**  
*Rodrigo Costa Japiassu, Vitor Manoel Marques da Fonseca, Lídia Silva de Freitas*

**21. IMPACTOS DO ATOM NA DESCRIÇÃO E NO ACESSO AOS ACERVOS ARQUIVÍSTICOS DA CASA DE OSWALDO CRUZ.....p.363**

*Cleber Belmiro dos Santos, Eliezer Pires da Silva*

**22. ENTRE AS OBRAS E OS DOCUMENTOS: INTERSEÇÕES ENTRE OS SABERES ARQUIVÍSTICO E MUSEOLÓGICO NO TRATAMENTO DO ACERVO DO ARTISTA PLÁSTICO RUBENS GERCHMAN.....p.382**

*Thayane Vicente Vam de Berg*

**23. UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA REALIZADA NO PROJETO DE EXTENSÃO “CAFÉ COM ARQUIVO: O DOCUMENTO EM DEBATE.....p.397**

*Fernanda da Costa Monteiro, Daniele Chaves Amado*

## **V - HISTÓRIA DOS ARQUIVOS E DA ARQUIVOLOGIA**

**24. HISTÓRIA DOS ARQUIVOS E DA ARQUIVOLOGIA NO BRASIL: NOTAS SOBRE O ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA.....p.410**

*Maria Teresa Navarro de Britto Matos, Rita de Cássia Santana de Carvalho Rosado*

**25. ARQUIVOS E ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: A TEMÁTICA ARQUIVÍSTICA NA REVISTA DO SERVIÇO PÚBLICO, 1938-1945.....p.430**

*Vitor Manoel Marques da Fonseca, Darlene Alves Bezerra*

## **VI - PERFIL E ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

**26. UM ESTUDO SOBRE O PERFIL DOS ARQUIVISTAS NA FORÇA AÉREA BRASILEIRA: UM PANORAMA ENTRE OS ANOS DE 2007 E 2015.....p.451**

*Raquel Fernandes Tavares, Priscila Ribeiro Gomes*

**27. PERFIL E AUTO-IMAGEM PROFISSIONAL DOS ARQUIVISTAS DO RIO DE JANEIRO.....p.471**

*Wagner Ramos Ridolphi, Luiz Cleber Gak*

**28. A PESQUISA EM ARQUIVOS E ARQUIVOLOGIA NO BRASIL: ANÁLISE DOS GRUPOS DE PESQUISA CERTIFICADOS PELO CNPq.....p.489**

*Angélica Alves da Cunha Marques, Cynthia Roncaglio, Natália Bolfarini Tognoli, Thiago Henrique Bragato Barros*

## **VII - INSTITUIÇÕES E SERVIÇOS ARQUIVÍSTICOS**

**29. REFLETINDO SOBRE AS INSTITUIÇÕES ARQUIVÍSTICAS E A COMPLEXIDADE.....p.507**

*Brenda Couto de Brito Rocco, Bianca Couto de Brito*

**30. SERVIÇOS TERCEIRIZADOS DE GUARDA EXTERNA DE DOCUMENTOS PROSPECTADOS NA PETROBRAS.....p.523**

*José Antonio Pereira Do Nascimento, Ana Celeste Indolfo*

**31. GOVERNANÇA DE SERVIÇOS ARQUIVÍSTICOS: POSSIBILIDADES E POTENCIALIDADES EM ORGANIZAÇÕES DE CARÁTER PRIVADO.....p.542**

*Alexandre de Souza Costa*

**32. CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELEVÂNCIA DE INTEGRAR A PRESERVAÇÃO E A GESTÃO DE DOCUMENTOS NO COMANDO DA AERONÁUTICA.....p.556**

*Karina Veras Praxedes*

## **VIII - TIPOLOGIA DOCUMENTAL**

**33. DOCUMENTAÇÃO EM SAÚDE: EXPERIÊNCIA NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO POLYDORO ERNANI DE SÃO THIAGO.....p.576**

*Isabella Christina Gondim, Eliana Maria dos Santos Bahia*

**34. CARTA DE AMOR COMO PONTO DE ACESSO: RESULTADOS DE PESQUISA.....p.596**

*Camila Mattos da Costa, Lucia Maria Velloso de Oliveira*

**35. A TIPOLOGIA DOCUMENTAL DOS ÓRGÃOS DE REPRESSÃO NA DITADURA CIVIL MILITAR NOS ANOS 1970.....p.614**

*Rosale de Mattos Souza*

**36. APONTAMENTOS ACERCA DO DOCUMENTO TÉCNICO DE ENGENHARIA NO CAMPO TEÓRICO DOS ARQUIVOS.....p.633**

*Marilda Martins Coelho, Clarissa Moreira dos Santos Schmidt*

## **IX - ARQUIVOS, UNIVERSIDADES E MUSEUS**

**37. DOCUMENTOS DE ARQUIVO PRODUZIDOS PELAS ATIVIDADES DE PESQUISA: UMA ANÁLISE DOS CADERNOS DE LABORATÓRIO.....p.652**

*Paulo Roberto Elian dos Santos, Renata Silva Borges, Francisco dos Santos Lourenço*

**38. ARQUIVOS EM MUSEUS E ARQUIVOS DE MUSEUS: DOIS CONCEITOS PARA OS ARQUIVOS NOS MUSEUS.....p.671**

*Fabiana Costa Dias, João Marcus Figueiredo Assis*

**39. ARQUIVOS DE MUSEUS: UM PROGRAMA DE GESTÃO DE DOCUMENTOS PARA O MUSEU DO ÍNDIO.....p.690**

*Thais Tavares Martins, Ana Celeste Indolfo*

**40. ARQUIVOS DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR: MANUTENÇÃO, GUARDA E ACESSO.....p.709**

*Zenóbio Santos Júnior, Luiz Cláudio Gomes Maia, Ana Maria Pereira Cardoso*

## DOCUMENTOS DE ARQUIVO PRODUZIDOS PELAS ATIVIDADES DE PESQUISA: UMA ANÁLISE DO CADERNO DE LABORATÓRIO

*Paulo Roberto Elian dos Santos*

*Renata Silva Borges*

*Francisco dos Santos Lourenço*

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por base os resultados parciais do projeto de pesquisa As Ciências Biomédicas e a Trajetória do Instituto Oswaldo Cruz: uma Análise dos Arquivos Institucionais e Pessoais<sup>1</sup>. Estes resultados se referem à elaboração de um diagnóstico dos arquivos do instituto, de forma a possibilitar ações voltadas a classificação, a avaliação e a destinação de seus documentos, como também ao levantamento e identificação dos tipos/espécies documentais oriundos da atividade científica em laboratórios de pesquisa com vistas à produção de um glossário sobre essa temática, importante instrumento para os processos de organização dos arquivos no decurso do ciclo vital dos documentos.

A incorporação dos procedimentos arquivísticos à cultura institucional ocorre na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) na década de 1990, no âmbito da administração e do planejamento. O Sistema de Gestão de Documentos e Arquivos (Sigda), instituído a partir desse período, não logrou êxito no alcance do amplo universo dos laboratórios. A abordagem dos arquivos gerados pela atividade científica tem sido uma preocupação mais recente e exige, por sua dimensão e complexidade, um conjunto de decisões de ordem prática que deve estar ancorado na teoria e nos métodos da Arquivologia, em diálogo permanente com os produtores da ciência. Nesse sentido, o tratamento desses arquivos deve ocupar lugar na pauta dos estudos e das ações programáticas voltadas à gestão de documentos. Se estas ficaram aquém do desejado, os estudos sobre a produção documental da atividade

---

1 O projeto visa realizar uma reflexão sobre os documentos produzidos e mantidos nos laboratórios do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) e estabelecer sua relação com os conhecimentos traduzidos nos princípios e técnicas que a Arquivologia dispõe para tratar de acervos com especificidades bem delineadas. A equipe do projeto, constituída por profissionais do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD/COC), atuou em colaboração com os profissionais dos laboratórios do IOC.

científica resultaram em um conjunto de conhecimentos que poderão sustentá-las no curto prazo<sup>2</sup>.

A etapa do projeto que norteou a realização deste trabalho se desenvolveu entre fevereiro e setembro de 2016, quando foi processada a coleta de dados para a elaboração do diagnóstico dos arquivos dos laboratórios do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), unidade técnico-científica da Fiocruz dedicada ao desenvolvimento tecnológico, investigação, ensino e prestação de serviços especializados nos campos das ciências biomédicas e da saúde pública. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas com as equipes dos laboratórios e da identificação preliminar dos documentos neles abrigados. O resultado da análise das informações coletadas nesta etapa do projeto deu origem ao Relatório da Coleta de Dados e Diagnóstico dos Arquivos dos Laboratórios<sup>3</sup>.

Os profissionais entrevistados foram os chefes dos laboratórios de pesquisa e, em alguns casos, os responsáveis pelo Sistema de Gestão da Qualidade dos laboratórios. As questões contempladas no roteiro das entrevistas foram distribuídas em três módulos: o primeiro destinado à identificação do laboratório e do entrevistado, bem como informações sobre a composição de suas equipes; o segundo sobre os procedimentos de gestão de documentos; e o terceiro relativo às características do acervo.

A identificação preliminar do acervo foi realizada por meio da mensuração da documentação de cada laboratório, da identificação dos tipos/espécies documentais mais comuns e do conhecimento das condições gerais de arquivamento e manutenção dos espaços de guarda do acervo. Os laboratórios que participaram do projeto foram:

- Laboratório de Helminhos Parasitos de Vertebrados (LHPV), criado na década de 1910;
- Laboratório de Vírus Respiratório e Sarampo (LVRS), criado na década de 1950;
- Laboratório de Enterovírus (LEV), criado em 1960;
- Laboratório de Hanseníase (LAHAN), criado em 1975;

---

2 A respeito dessa temática, ver: Castro e Lourenço (2009); Santos (2010); Santos, Pinto e Santos (2011); Silva e Santos (2012); Silva e Barboza (2012).

3 Projeto As Ciências Biomédicas e a Trajetória do Instituto Oswaldo Cruz: uma Análise dos Arquivos Institucionais e Pessoais. Relatório da Coleta de Dados e Diagnóstico dos Arquivos dos Laboratórios. PAPES VII – Fiocruz/CNPq, maio de 2017.

- Laboratório de Mosquitos Transmissores de Hematozoários (LATHEMA), criado em 1979;
- Laboratório de Pesquisas em Leishmaniose (LPL), criado em 1980;
- Laboratório de Doenças Parasitárias (LABDP), criado em 1980;
- Laboratório de Biologia Molecular e Doenças Endêmicas (LABIMDOE), criado em 1980;
- Laboratório Interdisciplinar de Vigilância Entomológica em Diptera e Hemiptera (LIVEDIH), criado em 1983;
- Laboratório de Inflamação (LABINFLA), criado na década de 1990;
- Laboratório de AIDS e Imunologia Molecular (LABAIDS), criado em 1991;
- Laboratório de Genômica Funcional e Bioinformática (LAGFB); criado em 1991;
- Laboratório de Patologia (LABPAT), criado em 1991;
- Laboratório de Biologia Estrutural (LBE), criado em 2009;
- Laboratório de Estudos Integrados em Protozoologia (LEIP), criado em 2015.

Esta etapa do projeto contemplou, portanto, 15 laboratórios, 20,8% dos 72 que compõem a estrutura organizacional do IOC. Após o diagnóstico foi possível identificar um vasto universo de documentos produzidos e acumulados pelos laboratórios, entre os quais um tipo documental se destaca pela relação simbiótica com a “ciência de laboratório”: o caderno de laboratório. Nos propomos assim analisar o caderno de laboratório como espécie documental e os seus tipos, com o objetivo de compreender suas funcionalidades e formatações, sempre em diálogo e consonância com os conceitos presentes na literatura arquivística.

Na ciência contemporânea é crescente o debate sobre dados científicos abertos, cadernos de laboratórios abertos e online. Este fenômeno revela a influência progressiva do uso das tecnologias da informação e comunicação nas formas de produção documental da pesquisa científica, criando novos modelos de registro e desafios aos profissionais da informação, entre os quais os arquivistas, provocados a rever seus sistemas de gestão, preservação e acesso aos documentos.

## 2 OS DOCUMENTOS PRODUZIDOS E ACUMULADOS NOS LABORATÓRIOS

Há aproximadamente uma década, em documento<sup>4</sup> elaborado para subsidiar discussões sobre sua estrutura organizacional, o IOC definiu o laboratório de pesquisa como sendo a unidade central de produção do conhecimento e inovação, desenvolvendo atividade de pesquisa básica e aplicada, de desenvolvimento tecnológico, de ensino, de serviços de referência e de manutenção de coleções científicas. No entendimento dos dirigentes e pesquisadores do instituto, o laboratório é fruto de um longo processo de construção, amadurecimento e agregação de competências científicas, humanas e materiais, entre outras. O laboratório configura-se ainda como uma estrutura organizacional com atribuições executivas nas áreas de planejamento, orçamento, gestão de recursos humanos, cooperação técnica e captação de recursos para o financiamento das pesquisas.

As funções desempenhadas pelos profissionais que atuam nos laboratórios, e relatadas nas entrevistas, foram categorizadas da seguinte forma: pesquisa, coleção<sup>5</sup>, ensino e formação de recursos humanos, divulgação científica, atendimento ambulatorial e gestão. Trata-se, portanto, de uma “célula” organizacional complexa que tem por base a pesquisa, mas a ela se associam outras funções.

Com o intuito de apresentar um panorama da produção documental destacamos as atividades de pesquisa, coleções e atendimento ambulatorial. As atividades relacionadas à pesquisa geram os seguintes documentos: artigos publicados, teses, cadernos de protocolo, cadernos de gestão, prontuários médicos, relatórios, bancos de dados, documento de entrada de amostra no laboratório (caderno de registro), caderno de registro de amostra, formulários, fichas epidemiológicas, Procedimentos Operacionais Padrão (POP's), termo de

---

4 Ver Instituto Oswaldo Cruz. Inovações Gerenciais no IOC: Avaliação de Laboratórios de Pesquisa e Distribuição Orçamentária por Produtividade. 2006.

5 Segundo a definição do Manual de Organização de Coleções Biológicas da Fiocruz (2017), coleção biológica é um conjunto de material biológico devidamente tratado, conservado e documentado de acordo com normas e padrões que garantam a segurança, acessibilidade, qualidade, longevidade, integridade e interoperabilidade dos dados da coleção, pertencente à instituição de ensino e/ou pesquisa com objetivo de subsidiar atividades de ensino, serviço, pesquisa, desenvolvimento tecnológico, inovação, divulgação científica, além de conservação ex situ. Estas coleções podem ainda apresentar valioso material de importância histórica. Ver [https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/vppcb-m-cb-001\\_manual\\_de\\_organizacao\\_colecoes\\_da\\_fiocruz.pdf](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/vppcb-m-cb-001_manual_de_organizacao_colecoes_da_fiocruz.pdf).

consentimento de pacientes, solicitação de exames, manuais de equipamentos, controle de qualidade, guias, manuais, notas técnicas, e-mails, fichários, memorandos e projetos.

As atividades relacionadas à constituição e gestão de coleções dão origem aos seguintes documentos: livro de registro de amostra, formulários, termo de transferência de material, registro de lançamento do sistema gerencial, cadernos de registro, Procedimentos Operacionais Padrão (POP's) de controle e de elaboração de documentos, cadastro de documentos, codificação específica, listas, tabelas, solicitação de tratamento, solicitação de informação e relatório de análise técnica.

O atendimento ambulatorial constitui uma atividade de apenas um dos laboratórios. Neste caso específico, o ambulatório faz parte da estrutura do próprio laboratório. As atividades relativas ao ambulatório produzem os seguintes documentos: banco de dados (para controle de baciloscopia, patologia, exames clínicos e neurológicos), caderno de patologia, descrição de peças patológicas, cadernos de pesquisa, cadernos de protocolo, prontuários médicos, cadernos de soro e banco de dados para o armazenamento de informações documentadas.

Apresentamos a seguir, alguns dados gerados e utilizados pela pesquisa a partir do diagnóstico dos arquivos.

### **3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O DIAGNÓSTICO DOS ARQUIVOS DOS LABORATÓRIOS**

Os responsáveis pela guarda e manutenção dos arquivos do IOC atuam em consonância com as normativas do Sistema de Gestão da Qualidade implementado na maior parte dos laboratórios pesquisados. Esta ação de documentação da Qualidade se constitui em uma importante tarefa do referido sistema e difere da gestão de documentos<sup>6</sup>, pois foi criada para atender às especificidades decorrentes do credenciamento dos laboratórios. A gestão de documentos corresponde a uma ação mais ampla que, implementada no ambiente dos laboratórios, englobaria a documentação.

---

6 "Conjunto de medidas e rotinas visando a racionalização e eficiência na criação, tramitação, classificação, uso primário e avaliação de arquivos" (CAMARGO; BELLOTTO, 1996, p.41).

Vale, portanto, destacar o crescimento da presença do Sistema da Qualidade, implantado em 73% dos laboratórios. Nestes, a documentação é decorrente das normas que regulamentam o Sistema de Qualidade e o credenciamento do laboratório ao referido sistema depende da documentação como pré-requisito. Ao mesmo tempo, 40% dos entrevistados informaram utilizar normativas específicas para a criação e manutenção dos cadernos de protocolo e outras atividades de pesquisa ou gerenciais do laboratório, o que evidencia um cenário mais complexo no que se refere a identificação, produção e gestão documental.

Em 60% dos laboratórios foi possível identificar um profissional responsável pela guarda e manutenção dos documentos de arquivo. No entanto, apenas 33% declararam ter conhecimento da participação de membros de suas equipes nos eventos e treinamentos<sup>7</sup> para capacitação nos métodos e técnicas de gestão de documentos oferecidos pela Fiocruz.

Em regra, os profissionais designados pelos chefes dos laboratórios para assumir a responsabilidade pela guarda e manutenção dos arquivos têm conhecimento das atividades de pesquisa e do Sistema de Qualidade, mas não têm conhecimento e prática no tratamento documental pela perspectiva arquivística.

Entre os entrevistados, 73% concordam que alguns documentos da etapa de desenvolvimento da pesquisa devem ser preservados, sobretudo aqueles que contém informação sobre o histórico da atividade de pesquisa no laboratório e os documentos de valor histórico, como os cadernos de protocolo, mencionados com destaque em algumas entrevistas.

Os entrevistados, em 94% dos laboratórios visitados, declararam que possuem documentos eletrônicos em seus computadores de trabalho arquivados em pastas gerenciadas por eles mesmos ou no sistema eletrônico utilizado pela equipe. Sobre estes sistemas de gerenciamento de informações e documentos oriundos da atividade de pesquisa não tivemos acesso.

Somente 73% mencionaram que possuem documentos com restrição de acesso, entre os citados está o caderno de registro de amostras.

Em síntese, o diagnóstico no revela uma ampliação – ainda que tímida – de medidas na gestão dos arquivos. A consolidação do Sistema da Qualidade tende a

---

<sup>7</sup> Os eventos e treinamentos são regularmente oferecidos pelo Serviço de Gestão de Documentos do DAD/COC e pelos profissionais que integram a equipe do Sistema de Gestão de Documentos e Arquivos (Sigda/Fiocruz).

impor “constrangimentos” às práticas descompromissadas com o registro dos eventos típicos dos diversos processos constituintes da atividade de pesquisa e desenvolvimento tecnológico nos laboratórios. Neste ambiente, o caderno de laboratório e seus similares merecem uma abordagem arquivística mais atenta.

#### **4 CADERNO DE LABORATÓRIO: DOCUMENTO DA CIÊNCIA EXPERIMENTAL**

O estudo das tipologias documentais pela Arquivologia é relativamente recente. O conhecimento sobre as tipologias se revela crucial para várias etapas do tratamento documental em arquivos (identificação, arranjo, descrição e elaboração de instrumentos de pesquisa), sobretudo para as implicações que a relação entre arranjo e descrição documental têm para a preservação e o acesso aos arquivos. Estudos dessa natureza em arquivos de instituições científicas são ainda mais recentes (SILVA, 2014). Na abordagem de Camargo (2014), identificar as tipologias é a base do trabalho arquivístico. Elas traduzem os procedimentos mediante os quais a instituição logra cumprir suas finalidades, refletindo rotinas e adequações impostas pela passagem do tempo.

O caderno de laboratório é o traço cotidiano do trabalho científico, uma transcrição das experiências, dos resultados, sem uma ordenação particular. É assim denominado como forma de distingui-lo da caderneta ou caderno de campo, utilizado nas Ciências Humanas (Arqueologia, Etnologia, Sociologia, Antropologia etc.). “As ciências biomédicas também fazem uso dos cadernos de campo, sobretudo a ciência vinculada à tradição naturalista dos botânicos, zoologistas e entomologistas” (SANTOS, PINTO, SANTOS, 2012, p.168)

A compreensão das funções dos documentos de um arquivo depende do conhecimento sobre o contexto de produção e de uso dos documentos que o compõem. No IOC a pesquisa, o ensino e a coleção, principais atividades identificadas na coleta de dados, fazem parte de um mesmo contexto onde se desenvolvem as pesquisas biomédicas. Seleccionamos no universo desta pesquisa os cadernos de laboratório, em suas diferentes espécies e formatos, para analisá-lo e tentar compreender mais detalhadamente sua gênese, seu contexto de produção e uso.

Na etapa de diagnóstico dos arquivos, o caderno de protocolo, o artigo, os procedimentos operacionais padrão (POP's), o relatório e o projeto foram os

documentos mais citados nas questões que indagaram os pesquisadores sobre os documentos produzidos pela atividade de pesquisa. Vale destacar que estes documentos dizem respeito às três fases da pesquisa, a saber: planejamento e administração da pesquisa (projeto); desenvolvimento da pesquisa (POP's e caderno de protocolo); comunicação e disseminação dos resultados (artigo e relatório) (SANTOS, PINTO, SANTOS, 2012).

No início dos anos 2000, no âmbito do Programa de Gestão da Qualidade em Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico, a Fiocruz implantou um POP do Livro de Registro. Este livro, também conhecido como Livro Verde, é uma versão do caderno de protocolo, cujo uso e manutenção passou a ser orientada por padrões atuais da ciência: “o livro é criado, utilizado e arquivado com base em um conjunto de procedimentos absolutamente inerentes aos documentos de arquivo e compatíveis com os parâmetros da ciência contemporânea” (SANTOS, PINTO, SANTOS, 2012, p.166). Ainda segundo os mesmos autores:

O caderno de protocolo é o documento que descreve as rotinas da função de pesquisa em sua fase de desenvolvimento, servindo como testemunho das experiências realizadas, dos dados e resultados obtidos. Como um documento de arquivo ele mantém relações orgânicas com os demais documentos do conjunto e com seu contexto de produção (p.171-172).

Na concepção dos pesquisadores, esse e outros documentos valem como elementos de prova daquilo que se fez e se faz em um laboratório e, portanto, podem perpetuar uma determinada memória. O valor de guarda atribuído pelos pesquisadores a este material está relacionado ao valor por eles atribuído à sua ciência, ou quando muito, à ciência do seu grupo ou da sua instituição. Em suma, é possível perceber “nos cientistas uma dificuldade de estabelecer nexos entre o que produzem hoje, o acúmulo do que produziram em suas trajetórias, suas trajetórias e o uso que a sociedade poderá fazer de tudo isso” (SANTOS, PINTO, SILVA, 2012, p.175-176).

A nomeação muito diversa dos cadernos de laboratório e dos documentos similares foi fornecida pelos pesquisadores entrevistados ao longo da coleta de dados. No Manual para Gestão de Documentos e Arquivos de Laboratórios das Ciências Biomédicas, produto de projeto de pesquisa realizado entre 2010 e 2011, pesquisadora do IOC atribuiu aos diários e cadernos de protocolo grande

importância para suas atividades, pois por meio desses documentos são efetuados os registros escritos do cotidiano da pesquisa. Na visão da pesquisadora<sup>8</sup>:

Os laboratórios de pesquisa são uma unidade base da geração de conhecimento e de produção tecnológica. Essa forma, certamente, o ambiente propício para a formação de recursos humanos, formação de pesquisadores [...]. A atividade de pesquisa sempre teve como princípio o registro das observações, fossem elas em diários, fossem em cadernos particulares dos pesquisadores, mas o fato é a necessidade de se registrar informações frutos de experimentos ou não.

Hoje, nos laboratórios de pesquisa, essa ferramenta básica são os cadernos de protocolo. Nesses cadernos são registrados todos os ensaios, todas as metodologias e os resultados obtidos a partir desses ensaios. Como nós constituímos esses cadernos de protocolo varia muito, em função das instituições e dos laboratórios. Ou seja: dentro de uma instituição isso pode estar padronizado, ou então você pode dar a liberdade para que cada indivíduo registre as informações. O fato é que esses cadernos precisam reproduzir os experimentos e os resultados.

[...] Hoje nós temos muitos registros reunidos em meio digital e mesmo em fichas padronizadas [...], que podem ser arquivados de muitas maneiras.

Ao mencionar estes registros, a então chefe do Laboratório de Leishmaniose, destaca os cadernos de laboratório como documentos representativos no vasto universo documental produzido pela pesquisa e nos revela a diversidade de situações que trafegam entre dois pontos: da extrema normalização e controle documental à “liberdade” que delega aos pesquisadores as decisões da produção e uso dos cadernos.

Ao cotejarmos o Manual para Gestão de Documentos e Arquivos de Laboratórios das Ciências Biomédicas e o Glossário de Espécies e Tipos Documentais em Arquivos de Laboratório, identificamos os termos de caderno de campo, caderno de laboratório, caderno de protocolo (ou caderno de registro) e diário.

Antes de apresentarmos cada um dos documentos, cabe mencionar que para efeito deste trabalho consideramos espécie documental “a configuração que assume um documento de acordo com a sua disposição e a natureza das informações nele contidas” (CAMARGO; BELLOTTO, 1996, p.34) e tipo documental “a configuração

---

8 Trecho retirado da entrevista da pesquisadora do IOC Elisa Cupolilo (SANTOS, 2011).

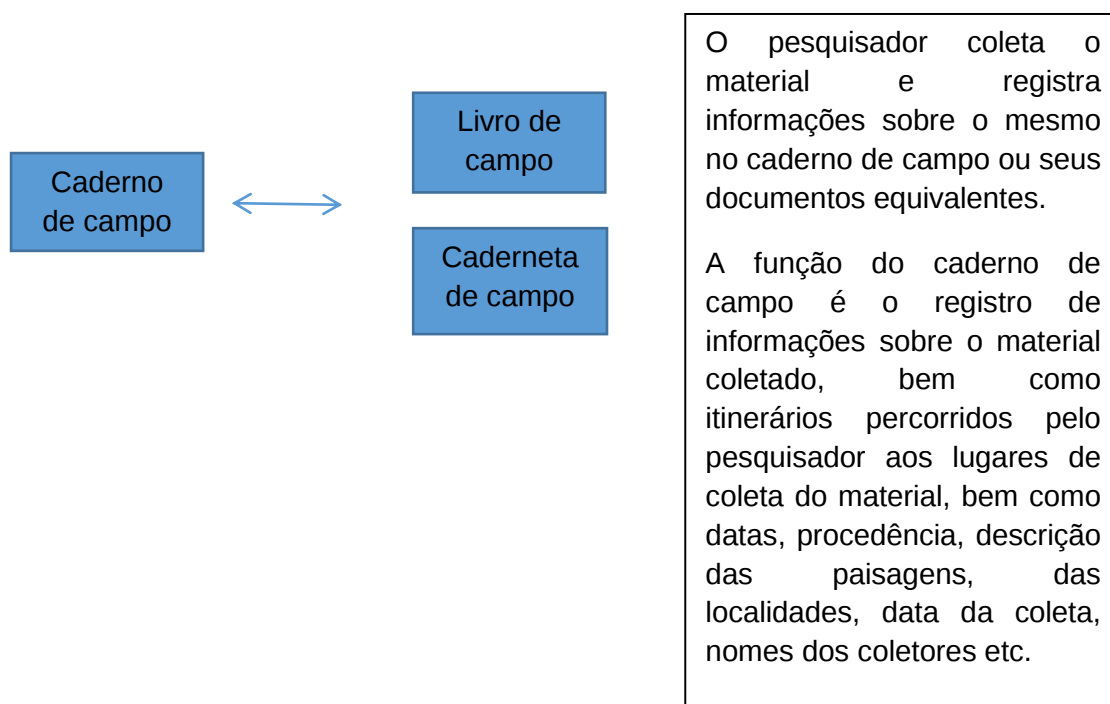
que assume uma espécie documental de acordo com a atividade que a gerou” (idem, p.74).

#### 4.1 Caderno de campo

O caderno de campo é uma espécie documental conhecida também como livro de campo ou caderneta de campo e é utilizado para registrar informações sobre o material oriundo de expedições ou coletas simples. Pode conter além das informações do próprio material, outras tantas relativas ao ambiente da coleta, como

paisagem das localidades, tipos de biótopos, de formações vegetais, de água ou de solos, clima, observações de cunho ecológico, etiológico. O livro de campo poderá conter: itinerário e datas; paisagem; procedência; localidade; data de coleta; nome(s) do(s) coletor (es); informações de campo; números de campo (PAPAVERO, 1994 *apud* SANTOS, 2011).

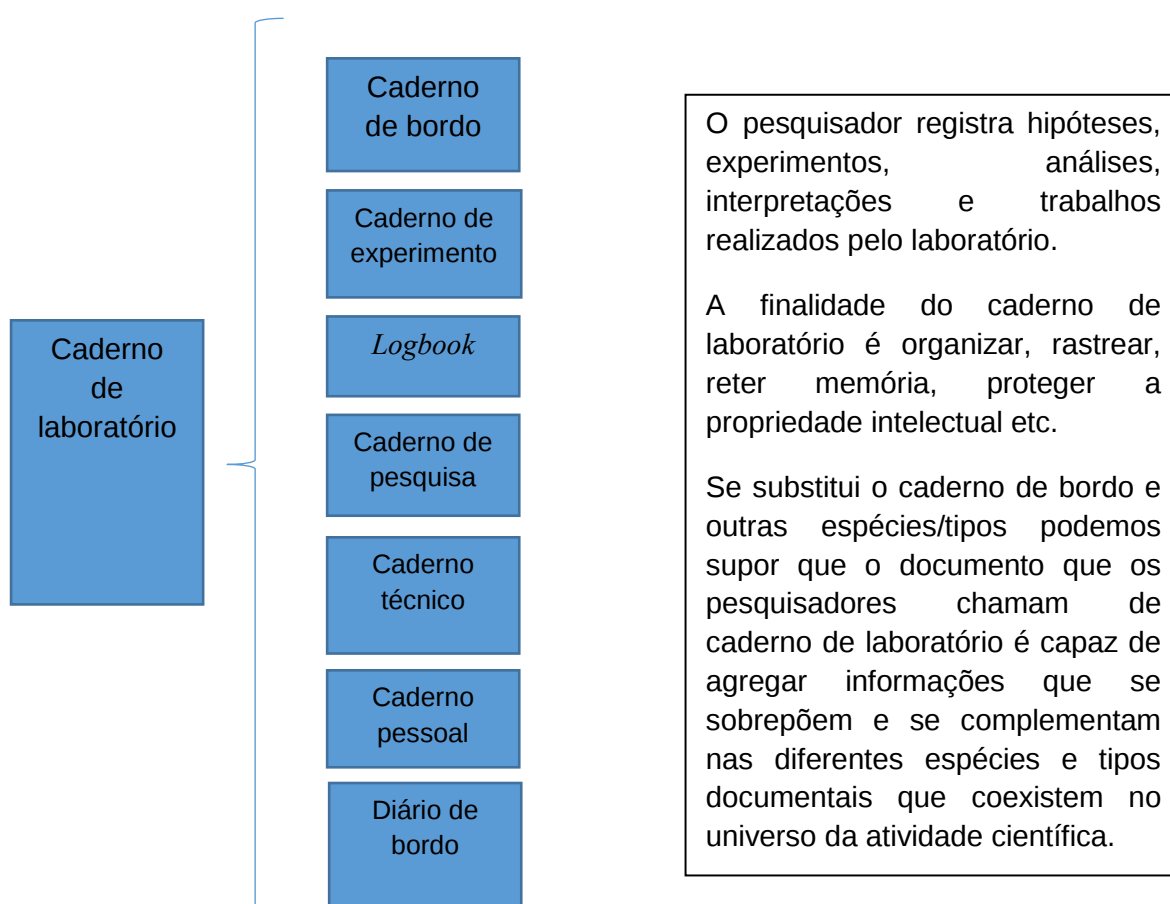
Segundo o glossário produzido por Silva (2014, p.20), o caderno de campo é “utilizado por pesquisadores de diversas áreas para registrar observações de natureza técnica ou científica, durante o trabalho de campo”. Este glossário, entretanto, não apresenta ou define os tipos de caderno de campo.



## 4.2 Caderno de laboratório

O caderno de laboratório é definido por Silva (2014) como espécie documental também conhecida como caderno de bordo, caderno de experimento, *logbook*, caderno de pesquisa, caderno técnico, caderno pessoal e diário de bordo. Ou seja:

Caderno de dimensões variáveis, utilizado por pesquisadores para registrar hipóteses, experimentos, análises, interpretações e trabalhos conduzidos pelo laboratório. É uma ferramenta onde se registra tudo o que ocorreu no trabalho, incluindo informações rotineiras das atividades, com o objetivo de organização, rastreamento, memória, correções e, ainda, de proteção à propriedade intelectual. Pode ser utilizado em formato eletrônico comumente chamado LOGBOOK (SILVA, 2014, p.21; destaque no original).



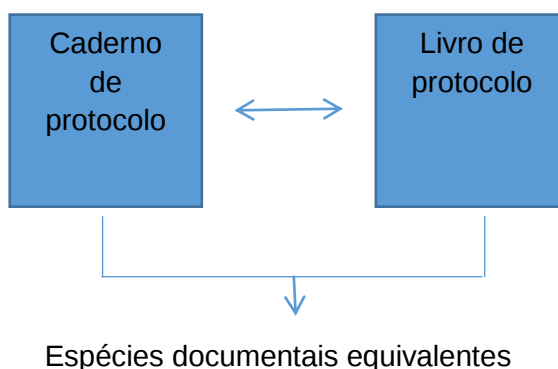
Mais adiante trataremos do *logbook* na subseção seguinte dedicada a uma breve reflexão sobre os documentos digitais.

### 4.3 Caderno de protocolo (ou caderno de registro)

O caderno de protocolo, também nomeado caderno de registro de amostra e livro de protocolo, é definido como espécie documental tanto por Santos (2011) quanto por Silva (2014). Para o primeiro autor, ele é o documento que reúne

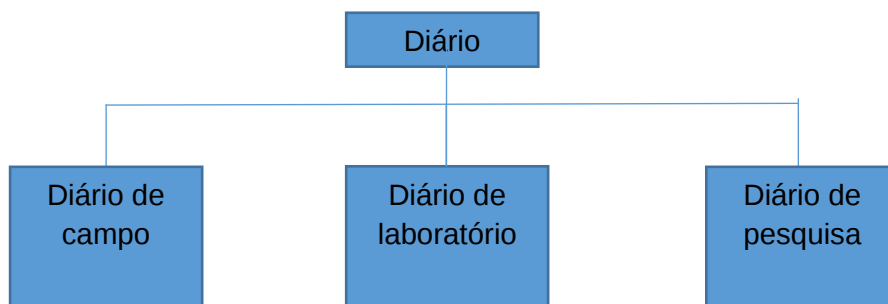
as anotações brutas das experiências que testemunham a investigação cotidiana do pesquisador no ambiente do laboratório. Possui igualmente um valor probatório em casos de conflitos a propósito de determinada descoberta ou experiências realizadas no processo de pesquisa. De um modo geral não há regra para a criação e uso do caderno. Tudo que é feito e verificado no decorrer da pesquisa deve ser anotado no caderno (SANTOS, 2011).

Para Silva (2014, p.28), o livro de protocolo é destinado “ao controle das atividades do laboratório, por ordem de chegada, os itens adquiridos, com a atribuição de um número sequencial”. Seus tipos são: livro de registro de amostra, livro de registro de análise da amostra, livro de registro de entrega de processo, livro de registro de entrega da amostra, e livro de registro de manutenção de equipamento.

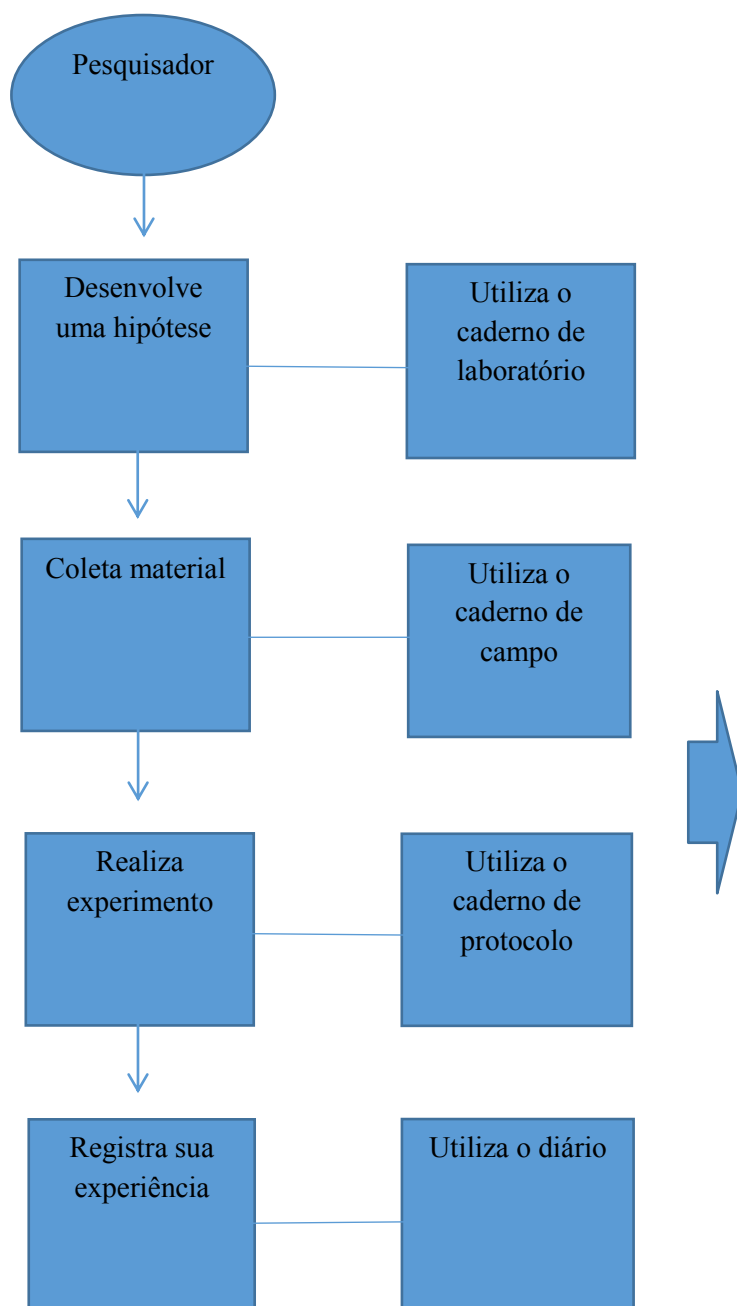


### 4.4 Diário

O diário é uma espécie de caderno onde são anotados diariamente “as principais ocorrências de cada jornada de trabalho tanto nas pesquisas de campo, como nas atividades docentes” (SILVA, 2014, p.24). Seus tipos mais comuns são: diário de campo, diário de laboratório e diário de pesquisa (SANTOS, 2011).



**4.5 Mapa visual das ações dos pesquisadores relacionadas às espécies e tipos documentais na fase de desenvolvimento da pesquisa**



Para comparar os resultados de nossa análise dos conceitos e identificar a existência de possíveis discordâncias entre o ponto de vista da arquivística e o dos pesquisadores que entrevistamos é necessário continuar a pesquisa nos próprios cadernos de laboratório. O objetivo dessa continuidade é ajustar os resultados dos fluxos de produção do caderno de laboratório de acordo com os que os mesmos mantêm arquivados em papel e com os que são gerados eletronicamente. Pretende-se ainda verificar se houve mudanças em relação às funções destes documentos com a utilização da tecnologia digital.

## 5 O DEBATE CONTEMPORÂNEO NA CIÊNCIA: DOCUMENTO, ACESSO E DADOS ABERTOS

O debate contemporâneo sobre os registros (dados científicos<sup>9</sup>) gerados na pesquisa científica e seu acesso envolve o reconhecimento do uso de tecnologias nas diversas atividades de uma instituição de pesquisa. Nos resultados do estudo aqui apresentados, verifica-se que a atividade científica gera diversas espécies e tipologia documentais no seu desenvolvimento. A questão que se coloca nos dias atuais é como o registro da pesquisa científica tem acontecido a partir das TICs e como o uso destas pode ampliar a capacidade de criação, processamento, circulação, difusão e acesso, assim como a possibilidade de colaboração entre pares com o compartilhamento dos dados gerados neste contexto.

Quando mencionamos o *logbook* na descrição que fizemos dos cadernos de laboratórios estávamos introduzindo uma versão eletrônica de uma nova questão: em que medida o *logbook*, versão digital dos cadernos de laboratórios, é apenas um novo formato? Ele apresenta possibilidades de mudança nas formas de registro e compartilhamento de informações durante a etapa de desenvolvimento da pesquisa.

A ciência contemporânea já funciona nesta marcha. Trecho da entrevista de um pesquisador do IOC, realizada em 2010<sup>10</sup>, revela a presença do caderno digital ainda como um “desejo” parcialmente materializado, em convivência com o formato “físico”:

---

9 Registros factuais (resultados numéricos, documentos textuais, imagens e sons) usados como fonte primária para a pesquisa científica e que são comumente aceitos pelos pesquisadores como necessários para validar os resultados do trabalho científico, OECD, 2007, p.13.

10 Ver Santos (2011).

Eu utilizo [caderno de protocolo], até um tempo atrás ele era todo físico, mas pessoalmente eu agora tenho uma espécie de livro eletrônico. Mas, eu, aqui no laboratório todos os alunos e pesquisadores mantêm o caderno físico. A ideia era que no futuro a gente pudesse transformar tudo em livro eletrônico. Até existe uma iniciativa já para isso, chamada *Eletronic Notebook*, que está muito mais voltada para os laboratórios da indústria farmacêutica que exige um nível de controle muito maior e uma certa fluidez da informação e facilidade na troca de informações. Eu cheguei a avaliar um programa, um esquema de algoritmo para isso, a ideia era em algum momento isso ser uma coisa institucional. Porque na verdade o caderno de protocolo é um documento assim [...] talvez seja o menos conhecido, mas é o mais importante, porque a hora que se tem uma dúvida sobre um resultado [...] [vai recorrer a ele] (SANTOS, 2011; destaques no original).

De acordo com Clinio (2015), a adoção de um caderno de laboratório em formato digital significa mais do que a migração das informações dos documentos em papel para softwares, dadas as possibilidades de interação entre os agentes na produção de conhecimento científico que conduziram à agilidade na incorporação de dados, disseminação de informação e produção de cópias (incluindo as de segurança e backups).

A autora cita os cadernos de laboratório na perspectiva do *open notebook science*, uma ferramenta capaz de agregar informações da etapa intermediária de forma dinâmica e instável. Segundo Bradley (2006 *apud* Clinio, 2015, p.255-256),

com ela, eu me refiro à existência de uma URL linkada a um caderno de laboratório (como esse) que estará disponível abertamente e indexado por ferramentas de busca habituais. Ele não precisa obrigatoriamente parecer com um caderno de laboratório de papel, mas é essencial que as informações necessárias para que o pesquisador cheque as suas conclusões esteja igualmente disponíveis para o resto do mundo. Basicamente, nenhuma informação privilegiada.

As justificativas para a adoção do “*open notebook Science*” é oferecer os dados brutos do pesquisador registrados no caderno de campo eletrônico na rede aos olhos de qualquer pessoa que se interesse pela análise, interpretação e utilização dos mesmos (CLINIO, 2015).

A iniciativa proposta possibilita: o conhecimento do que se passa na etapa de desenvolvimento da pesquisa; a interação dos atores envolvidos em redes com a finalidade de produzir conhecimento científico; a redução ou supressão da

exclusividade da autoria na etapa posterior (publicação e disseminação dos resultados); a agilidade nos processos de trabalho e rapidez no alcance de resultados visando imediata aplicabilidade dos resultados; e o conhecimento dos experimentos fracassados.

Outro ponto abordado por Clinio sobre o *open notebook science* refere-se aos aspectos econômicos que cercam os financiamentos da atividade científica, que estariam condicionados a maior ou menor transparência e clareza no registro de informações sobre os experimentos.

No entanto, esta proposta apresenta algumas questões de natureza ética sobretudo. Até que ponto esta proposta de abertura estaria isenta das amarras do mercado liberal ao romper com o viés social ao privilegiar os incentivos econômicos como fatores motivadores da abertura? Seria possível uma economia política da informação científica e tecnológica dentro de uma lógica liberal? Os dispositivos reguladores em nível local e global protegeriam ou exporiam os agentes envolvidos? Sob a perspectiva institucional, qual é o impacto do uso destes cadernos no desenvolvimento das pesquisas científicas? Como a instituição poderia gerir o conhecimento registrado neste formato? Como os profissionais da informação podem contribuir na gestão e acesso a esses registros, considerando as normas e legislação vigentes?

Ao refletir sobre uma *pseudo open notebook science* a autora ilumina alguns aspectos obscuros da abertura, como: as possibilidades de manipulação do tempo de publicação dos trajetos da pesquisa, bem como dos resultados sem comprometer a ética nestas relações; a cobrança pelos serviços de acesso às plataformas em diferentes níveis de interação; a regulamentação em nível global, embora seja uma saída, poderia não ser democraticamente distributiva em matéria de direitos e deveres, considerando as diferenças econômicas e sociais do globo.

A noção de *open notebook science* ainda merece muita reflexão por parte da comunidade científica, incluindo as instituições de pesquisa e principalmente os laboratórios de pesquisa, englobando não apenas as Ciências Biológicas, mas as áreas institucionalmente vinculadas às Ciências Sociais, como Arquivologia e Ciência da Informação, visando a desnaturalização do uso das tecnologias como dispositivo único do progresso das sociedades. Este progresso não pode prescindir dos avanços tecnológicos desde que os mesmos contribuam para uma reflexão

capaz de escapar das armadilhas das polarizações e caminhar no sentido de uma ciência em diálogo permanente com a solução de problemas e o desenvolvimento.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os laboratórios do IOC cobertos pela pesquisa são ambientes institucionais que comportam atividades complexas em diferentes escalas e produzem volume expressivo de documentos com dados e informações em saúde. A adoção de procedimentos de criação, tramitação, uso e destinação dos documentos encontra-se ainda muito distante do desejado. Neste ambiente, o caderno de laboratório e suas diferentes denominações (caderno de pesquisa, caderno de protocolo, caderno de registro, diário etc.) é um registro controlado e em muitos laboratórios, regulado por normas externas que tendem a ser assimiladas pela cultura institucional. Contudo, são recomendados novos estudos dedicados exclusivamente a esta tipologia, de forma a incluir sua versão digital interna e/ou aberta. Isto é, o “caderno de pesquisa aberto” ou *open notebook science*, praticado de forma pioneira em projeto voltado à descoberta de medicamentos para a malária, conforme apontam Albagli, Clinio e Raychtock (2014).

Os novos estudos, ancorados em uma abordagem arquivística preocupada em compreender o funcionamento da ciência contemporânea, e na maior interação dos pesquisadores com os diversos profissionais que tratam da gestão dos documentos e das informações dos laboratórios, poderão apontar para uma renovação das práticas e melhor relação entre ciência e sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S.; CLINIO, A.; RAYCHTOCK, S. Ciência aberta: correntes interpretativas e tipos de ação. **Liinc em Revista**, v.10, n.2, p.434-450, nov. 2014.

CAMARGO, A. M. A.; BELLOTTO, H. L. **Dicionário de terminologia arquivística**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, Núcleo Regional de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

CAMARGO, A. M. A. Sobre espécies e tipos documentais. In: **Dar nome aos documentos: da teoria à prática**. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2015. p.14-30.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: SILVA, M. C. S. M. (Org.). **Glossário de espécie e tipos documentais em arquivos de laboratórios**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2014. p.5.

CASTRO, M. C.; LOURENÇO, F. S. Tipos documentais e padronização da descrição arquivística: um estudo de caso sobre arquivos científicos. In: CONFERÊNCIA DA SUV - ENCONTRO DE ARQUIVOS CIENTÍFICOS, 4, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2009. p.54-62.

CLINIO, A. Por que open notebook science? Uma aproximação às ideias de Jean-Claude Bradley. In: ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L.; ABDO, A. H. (Org.) **Ciência aberta, questões abertas**. Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ. **Projeto As ciências biomédicas e a trajetória do Instituto Oswaldo Cruz**: uma análise dos arquivos institucionais e pessoais. Rio de Janeiro, 2014.

\_\_\_\_\_. **Relatório da coleta de dados e diagnóstico dos arquivos dos laboratórios**. Rio de Janeiro, 2017.

INSTITUTO OSWALDO CRUZ. **Inovações gerenciais no IOC**: avaliação de laboratórios de pesquisa e distribuição orçamentária por produtividade. Rio de Janeiro, 2006.

**OECD principles and guidelines for access to research data from public fundin.** Paris: Organization for Economic Cooperation and Development, 2007. Disponível em:<http://www.oecd.org/sti/sci-tech/38500813.pdf>. Acesso em: 13 set. 2016.

SANTOS, P.R. E. **Arquivística no laboratório**: história, teoria e métodos de uma disciplina. Rio de Janeiro: Faperj, 2010.

\_\_\_\_\_. **Manual para gestão de documentos e arquivos de laboratórios das ciências biomédicas**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz; Faperj, 2011. DVD-ROM.

\_\_\_\_\_; PINTO, J. M. C.; SANTOS, C. B. Arquivologia nos laboratórios das ciências biomédicas: os métodos e as práticas de pesquisadores e arquivistas. In: OLIVEIRA, L. M. V.; SILVA, M. C. S. M. (Org.). **Políticas de aquisição e preservação de acervos em universidades e instituições de pesquisa**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012. p.161-177.

SILVA, M. C. S. M. (Org.). **Glossário de espécie e tipos documentais em arquivos de laboratórios**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2014.

\_\_\_\_\_; BARBOZA, C. H. M. (Org.). **Acervos de ciência e tecnologia no Brasil**: preservação, história e divulgação. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012.

\_\_\_\_\_ ; M.; SANTOS, P.R. E. (Org.). **Arquivos pessoais**: história, preservação e memória da ciência. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros; Faperj, 2012.